

Enf.^a Margarida Costa: “Eu nunca gostei de desempenhar papéis que não fossem o meu. Gosto de ser sincera, verdadeira”

20 Fevereiro, 2024



Na edição n.º 123 da nossa revista *Enfermagem Em Foco*, dedicada às Eleições dos Corpos Gerentes, conhecemos a atual Presidente da Mesa da Assembleia Geral do SEP, Margarida Costa, que, numa conversa mais intimista sobre quem é – além de dirigente do SEP e de enfermeira -, aborda os quatro anos do mandato que agora chega ao fim.

Enfermeira quase por acaso, como confessa em início de conversa, a sua primeira opção foi Engenharia Agrária – mas a Enfermagem acabou por ser o que “quis fazer o resto da vida”.

“Sempre, sempre, sempre” foi reivindicativa, o que explica a adesão ao SEP, e acredita que a atividade sindical terá de se renovar para conseguir dar resposta às novas gerações.

É enfermeira de vocação?

Inicialmente, não fui, foi por um acaso. Na altura em que eu comecei a tirar Enfermagem tínhamos os *numerus clausus* e o propedêutico e a minha opção primeira foi Engenharia Agrária. A Enfermagem veio por acaso, numa conversa entre colegas. Concorri e entrei.

Claro que, depois, quando se começa a tirar o curso... Nós não temos ideia, do que é a Enfermagem, sobretudo

aos 16, 17 anos – eu entrei em Enfermagem com 17 anos, não tinha ideia nenhuma. Mas, quando se começa a tirar o curso, começa-se a gostar. Estar numa área a lidar com pessoas é o essencial, a Enfermagem é isso. E foi nessa área que pensei que podia dar alguma coisa à Humanidade. A partir daí, foi o que quis fazer até ao final, porque eu podia ter mudado, mas acabei por ficar como enfermeira e foi isso que quis fazer o resto da vida.

Sabemos que tem cães e queríamos perguntar se tem ligação a animais, em geral.

Sempre tive animais, desde criança que sempre me lembro de haver animais em casa. Depois, quando comecei a viver na minha casa, o tempo era pouco para os animais e precisava de equilíbrio, para ter o animal certo. Sempre tive, gatos, cães, fui sempre tendo o animal adequado à altura.

Hoje, que animais tem?

Tenho duas cadelas, arraçadas. Eu costumo dizer que vou buscá-las ao asilo, nunca comprei animais na vida nem penso fazê-lo. Sempre gostei de animais grandes, é uma mania. Gosto de cães e já gostei mais de gatos. A minha mãe tinha vários gatos e depois que ela faleceu eu fiquei a tratar dos gatos. Talvez por ter uma ligação com ela, comecei a afastar-me um bocadinho, os gatos para mim, hoje, recordam-me coisas que eu não quero lembrar.

Os animais dão-lhe alguma coisa que as pessoas não dão?

O animal faz muita companhia e obriga-nos também a sermos regrados, a termos horas para fazer o passeio, sair com elas, a comida. Uma pessoa que vive sozinha tem sempre aquela disposição de desmanchar um bocadinho, porque hoje não apetece ou não quero ir ou estou cansada, e o animal obriga-nos a isso, a uma rotina. Isso faz-nos bem.

Apesar de parecer que é uma obrigação e que, às vezes, até custa, isso faz-nos bem, o animal dá-nos sempre algo em troca, a satisfação do passeio, o correr, é isso que gosto.

Agora, com os humanos também, eu dou-me bem com toda a gente. Gosto dos animais como gosto de pessoas, sou sociável e tenho sempre necessidade de contactar com pessoas, saímos, fazemos coisas.

E quais são os hobbies?

Sempre foi viajar, já corri meio mundo. Agora já estou um bocadinho mais quieta, no meu canto, não sei se pelas preocupações ambientais. Tenho muita necessidade de fazer coisas que não prejudiquem o ambiente.



Sente essa responsabilidade?

Sinto, sinto. Deixei de viajar de avião, quando viajo, vou de comboio. Tento utilizar mais os transportes públicos, que era uma coisa que fazia pouco porque andava sempre de carro, mas tenho essa preocupação e acho que é uma obrigação nossa. De há uns anos para cá que comecei a mudar os meus hábitos.

Continuo a viajar, mas cá dentro, não precisamos ir para fora, temos tanta coisa bonita em Portugal. Eu também já fui para o outro lado do mundo e parece-me que as pessoas têm essa necessidade de conhecer outras culturas, mas eu já conheço, essa parte eu já fiz. Acho que a minha parte de viajar agora é mais no sossego, coisas mais perto, poucos dias. Gosto muito da minha casa, gosto muito de estar no meu sossego, com as minhas coisas e preciso do meu espaço.

E outros hobbies?

Gosto de música. Toquei vários instrumentos, participei em grupos corais, esse era um hobby. A minha história de iniciação na música foi muito engraçada. Nós vivíamos perto do Curry Cabral, tínhamos o Jardim da Gulbenkian muito perto e quando eu era miúda o meu pai levava-me muito a passear no jardim. Um dia, o Dr. Perdigão vinha a sair da Gulbenkian e eu estava sentada nas escadas, ele fez-me uma festa na cabeça, eu tinha 3 anos, lembro-me tão bem. E o Dr. Perdigão perguntou ao meu pai se não queria pôr a miúda na música e o meu pai inscreveu-me.

Em frente à Calouste Gulbenkian, havia um palacete que foi adaptado para aulas. Eu estive na Fundação antiga, assisti à construção da nova, depois passei da formação inicial para a formação da Orquestra e dos Coros. Conheço a Gulbenkian, as caves, como conheço a minha mão.

Depois, passei para o Conservatório e para a Academia dos Amadores de Música. Tive formação musical uns 20 anos. Depois a profissão não me deixava muito tempo, mas continuei a participar em coros, fazer coros para gravações de discos e a dar aulas a miúdos de 6 anos. Fui eu oferecer-me à escola primária para dar iniciação musical, durante 3 ou 4 anos. Conciliava isto com a atividade profissional e sindical.

Depois da reforma, apareceu a osteopatia, para ter disponibilidade para continuar ligada às pessoas. Interessei-me primeiro por Medicina Tradicional Chinesa, mas era um curso complicado, e a Osteopatia surgiu porque já era profissional de saúde e fiz o curso de quatro anos em dois, o que facilitou imenso. Faço como hobby, não encaro como atividade profissional, apesar de ter atividade aberta nas finanças. Mas não quero ter obrigações, horários, já tive disso enquanto fui enfermeira.

Além de ser enfermeira, quem é?

Sempre tentei ser uma pessoa coerente, ter as amizades certas, ter a consciência tranquila, não estarmos a ser aquilo que não queremos ser ou mostrar aos outros aquilo que não somos, fazer teatro, desempenhar papéis. Eu nunca gostei de desempenhar papéis que não fossem o meu. Gosto de ser sincera, verdadeira. As pessoas gostam ou não gostam, há muita gente que não gosta, mas não tenho problemas nenhuns com isso. Tento ser sincera e coerente naquilo que fiz durante toda a vida.

Ainda exerce Enfermagem?

Não, deixei completamente, aposentei-me antecipadamente, com alguma penalização.

Porque é que decidiu fazê-lo?

Decidi porque acho que estava na hora certa, já não tinha facilidade de comunicação e de estar pelos outros e sobretudo de recuperar.

Quando se trabalha em Enfermagem e se trabalha por turnos, como eu trabalhei toda a vida, temos necessidade de descanso para recuperar para os turnos seguintes, e para mim já estava a ser muito difícil de recuperar. E continua a ser assim, falo com colegas que ainda estão nos serviços onde trabalhei e continuam a fazer muitos turnos extra, muitos, muitos. Já tinha alguma dificuldade em recuperar e comecei a pensar que estava na hora de ir embora e comecei a pensar em qual seria a melhor altura.

Eu estava para me aposentar no ano da pandemia; em 2020, fazia 40 anos de serviço. Mas em março fechou tudo

e eu pensei que se ainda tinha capacidade de fazer alguma coisa de prestável, ia aguentar. Portanto, foi o ano de 2020 todo, depois o 2021, ainda tivemos muitas dificuldades nos serviços, tínhamos isolamento, andávamos 8 horas com aqueles fatos, turnos extra... E eu pensei: Até aguentar, vou fazer. Depois vi que estava mais ou menos equilibrado, que a situação estava a ser ultrapassada. Em dezembro de 2021, meti os papéis e, em abril de 2022, vim-me embora. A pandemia obrigou-me a trabalhar mais dois anos.



Não se arrepende?

Não, não me arrependo. Acho que foi uma altura muito difícil, com o isolamento e todos os cuidados que tínhamos de ter. Tivemos muito poucos colegas com covid, no meu serviço, no Bloco de Partos do Hospital Garcia de Orta.

Tivemos 4 ou 5 colegas com covid, não tivemos mais, nós éramos cinquenta e tal. No Hospital, tivemos pessoas que faleceram, colegas e médicos, foi uma altura muito difícil. Tudo se ultrapassou, mas já estava nos meus limites.

Por isso, é que, falando agora como sindicalista, temos de ir fazendo os possíveis para diminuir a idade da reforma, é impensável ir até aos 66 anos, sobretudo quem faz turnos, como eu fiz. Mesmo para quem faz só horário diurno, estarmos disponíveis para o outro já não é a mesma coisa, não é fácil e chega uma altura da vida em que já não está para aí virado. Há pessoas que têm mais facilidade, mas eu já cumpri a minha missão, sempre a tentar fazer o melhor possível, e já está na altura de me ir embora. Por isso, está na altura certa de me ir embora, foi isso que pensei.

Paralelamente à profissão, tinha também a atividade sindical, que também é exigente.

Sim, não é fácil. Eu estive alguns anos a tempo inteiro, na sede, acho que foram 5 ou 6 anos, por aí, acho que foram 2 mandatos, nos anos 90, 1992 a 1997, por aí. Depois voltei, mas não a tempo inteiro, tirava as minhas dispensas e continuei a trabalhar.

Desde que se reformou, tem sido com a vida sindical que tem ocupado o seu tempo?

Não, para mim a vida sindical resume-se a manter-me a par das coisas que vão acontecendo, participar nalgumas coisas públicas, mas eu acho que devemos dar lugar aos mais novos.

Fala-se muito que o sindicalismo está em decadência e que está a perder a força. Eu acho que o movimento sindical, os sindicatos – os chamados velhos sindicatos – também cometem o erro de ter as mesmas pessoas muito tempo à frente. Não há renovação. Isto é nos enfermeiros como é em todo o lado, nos professores, vemos sempre as mesmas caras...

Apesar de os mais velhos terem muito conhecimento, terem experiência e saberem como desenvolver as negociações, as lutas, se nós não ouvirmos os mais novos, damos oportunidade de aparecerem depois os populismos. O SEP teve um problema muito grave em 2017 por isso, porque não se conseguiam os objetivos e fomos perdendo alguns direitos, ao longo dos anos. Veio uma vaga que levou a que houvesse um período difícil para o SEP.

Mas o SEP tem essa particularidade de ter muita gente ativista, simpatizante. Nós passamos nos serviços, falamos com os enfermeiros sobre as coisas que estão a acontecer, e as pessoas ouvem-nos. Não são sócios, não participam, alguns deles nunca foram a uma manifestação, mas ouvem o que o SEP tem para dizer, ou seja, o SEP tem já um estatuto, uma influência grande na profissão e tem a preocupação de ter a participação de pessoas mais jovens.

Os jovens, hoje, têm uma postura muito diferente daquela que nós tínhamos há 30 anos e necessidades diferentes. O SEP foi tendo de se renovar, ou seja, adotar outras formas de estar e conseguiu, mais ou menos, ter pessoas a participarem mais. Mas os enfermeiros são como o resto da população, são pessoas desinteressadas da política, não votam, não estão a par das coisas que vão acontecendo e para eles é mais fácil terem ali um delegado sindical que lhes vai transmitindo aquilo que é importante.

O SEP tem essa facilidade de passar nos serviços e ser ouvido, mas temos de dar lugar a outros, para sentirem as dificuldades. Porque é que aparecem os populismos? Porque as pessoas não sabem a dificuldade que existe em alcançar determinadas coisas, negociar com uma Administração, com os vários órgãos do poder e pensam que é só ir lá, bater com a mão na mesa e conseguir-se.

Eu tive sempre a preocupação de levar novas pessoas para o Sindicato. Nós tínhamos os delegados sindicais no Garcia de Orta e eu levava os delegados sindicais às reuniões, iam lá ver, fazíamos em conjunto os resumos para dar a conhecer os resultados das reuniões. Havia essa preocupação porque acho que têm de ter um papel.

Eu entrei para o Sindicato quando trabalhava no Santa Maria, fui delegada sindical, ainda a sede do Sindicato era na Marquês de Pombal. Conheci a Maria Augusta, nessa altura, e, passados uns anos, fui trabalhar para o Hospital de Santarém. Lá não havia nada do Sindicato e como eu já vinha de Santa Maria e tinha alguns conhecimentos, com pessoas, pedi para lá irem, para dar a conhecer. O Hospital não nos deu sala para reunir, isto nos anos 80, reunimos na entrada do hospital, na rua.

Isto para dizer que, nessa altura, também tínhamos dificuldades, mas íamos impondo a nossa presença e por isso o SEP também agora é reconhecido, nas negociações com o Ministério, por exemplo, têm sempre em atenção as propostas do SEP porque ao longo dos anos temos sabido afirmar a nossa posição e temos a preocupação de sermos proponentes, não é só dizer mal, mas fazemos propostas possíveis de concretizar.

Isso ajudou a que a profissão crescesse, mas hoje as pessoas têm outra forma de estar, vão muito pelo que as redes sociais dizem, aqueles facilitismos que lemos, que devíamos fazer assim ou assado. As pessoas têm de ter consciência daquilo que é possível, até onde é que podemos ir. Não é possível paralisar, não é possível fazer greves a longo prazo, lidamos com pessoas.

Estamos a ver agora a luta dos médicos e a dificuldade que as pessoas estão a ter. O SNS está com muitas dificuldades em responder às necessidades da população. Se vamos ainda prejudicar mais o funcionamento, estamos a contribuir para que essas necessidades se acentuem. É contraproducente.

Sempre foi reivindicativa?

Sempre, sempre, sempre.

Como é que chegou ao SEP?

Eu comecei a trabalhar em 1980 e em 1984, por aí, sindicalizei-me e comecei a participar nas reuniões que havia de esclarecimento de carreira, que veio a dar no DL 437/91. Foi na luta da carreira que conheci pessoas do SEP, que me convidaram para ser delegada sindical. Mas foi por iniciativa própria. Havia uma manifestação no Ministério da Saúde e eu ia, sozinha, às reuniões de esclarecimento e como eu aparecia começaram a conhecer-me e foi aí que me convidaram para ser delegada.

Depois, em Santarém fui eu que chamou o SEP para lá ir, fizemos eleições, elegemos a Direção Regional lá e depois vim para o SEP a tempo inteiro, foi muito rápido.



Das várias funções que desempenhou no SEP, houve alguma de que tivesse gostado mais?

Gostei muito – mas foi muito penoso – de fazer a ligação às zonas onde tínhamos mais dificuldade de pessoas. Quando estava no SEP, fiquei com a zona norte portanto corria desde Trás os Montes ao Minho, vários dias da semana, vinha dormir a casa, fazia a mala e ia outra vez. Estive assim durante alguns anos, ia frequentemente ao Norte, fazer as reuniões com os colegas. Depois, nessas reuniões, íamos conhecendo pessoas, contactando com mais, ficávamos com o contacto e fomos começando assim a ter mais pessoas, que começaram a perceber a importância de termos organização.

Essa fase foi difícil, mas eu gostei muito, de contactar com pessoas novas, desenvolver as direções regionais que não existiam. O SEP era nacional, mas era mais o sul, até Coimbra, e o Porto, tudo o resto foi crescendo. Ali a

zona de Viseu, que também foi aumentando, fui muitas vezes a Viseu, Castelo Branco, mas mais a Norte, Bragança, Vila Real, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, e a zona de Viana do Castelo, conheço essa zona toda. Tínhamos um núcleo pequenino em Viana, mas não tínhamos ninguém em Braga e depois arranjámos um poiso na Casa Sindical, onde fazíamos as reuniões, os colegas de Viana iam a Braga.

Quando um sindicalista se dedica a ser sindicalista, tem muitas dificuldades, não sabe nada de leis, como resolver os problemas, por isso temos de nos suportar uns aos outros, um telefonema para aqui e ali; quando se começa a alargar o grupo, as pessoas sentem-se mais apoiadas e a partir daí consegue-se construir algo mais sólido.

Agora que temos eleições à porta, como avalia o trabalho do SEP nestes últimos 4 anos?

Podemos fazer um balanço e é sempre bom termos estes momentos de reflexão. Mas faço-o como enfermeira, não é com a Mesa.

Penso que o SEP tem sabido lidar com as dificuldades e tem sabido ultrapassar algumas coisas complicadas que têm surgido. Nos últimos 4 anos, acho que foram dos momentos mais difíceis que tivemos, porque temos vindo a perder. Desde o Correia de Campos, temos sempre vindo a perder.

Com este Governo, esperava-se que houvesse uma melhor resposta às reivindicações e não só dos enfermeiros, mas da área da saúde porque a área da saúde precisa de ter uma grande alteração. Se isto é para ficar da maneira que está, dentro de pouco tempo as coisas vão ficar mesmo impossíveis.

Deveria haver mais preocupação com os profissionais de saúde, e não falo só dos enfermeiros. Parecia que com este Governo poderia haver algum avanço, algumas mudanças, mas, infelizmente, não está a acontecer, criam-se muitas dificuldades. Não foi este Governo que criou as dificuldades, as dificuldades já vinham de trás, mas este Governo não está a tentar resolver. Além de terem a maioria absoluta, têm ideias absolutas, que é o mais complicado.

Desde os congelamentos criados na Troika, a alteração da idade da reforma, temos tido muitas dificuldades. Vamos tendo pequenas conquistas, mas é muito pouco relativamente aquilo que se perdeu.

Considera problemático haver apenas uma lista a candidatar-se a estas eleições?

Não. É muito difícil construir uma lista, envolve muitas pessoas e vamos tendo, em alguns lugares necessários, pessoas que vão saindo, outras que vão entrando.

Voltando um bocadinho atrás, precisávamos de um bocadinho mais de renovação, mas é o que é possível. A construção da lista é sempre com aquelas pessoas que estão mais disponíveis, com base naquelas que vão participando mais. Construir duas listas era muito difícil.

Já referiu essa necessidade de renovação, mas acredita que o SEP e o sindicalismo na Enfermagem têm futuro?

Tem, tem. Tem de ter, não há outra forma. Eu não conheço. As lutas vão-se tornando cada vez mais agressivas, o poder político não cede e é preciso aqui uma grande ponderação sobre quando é que se pode fazer uma luta com mais força sabendo que estamos a prejudicar pessoas.

Agora, as lutas vão ter de continuar. Esta sociedade capitalista leva-nos a isso, a exploração é cada vez maior, a precariedade é cada vez maior, as dificuldades dos jovens em terem estabilidade são muitas e a tendência é que

se agravem.

Se as pessoas não se organizarem, não estiverem em conjunto com outras, sozinhas não conseguem nada. Pode-se chamar outra coisa qualquer, pode não se chamar sindicato, mas as pessoas terem de se organizar e lutarem em conjunto, isso é incontornável, não há outra forma. Tem de ser à custa das pessoas se agregarem e trabalharem em conjunto, disso não tenho dúvida. E as lutas vão ser cada vez mais difíceis, até haver uma revolução um dia.

Tudo indica que é para aí que caminhamos, que a situação chegue a um determinado limite e as pessoas já não aguentem mais. Esperemos que não seja para breve porque tudo isso traz muita instabilidade e dissabores, mas é inevitável, tem sido assim ao longo dos séculos e vai continuar.

A História é cíclica.

Sim, na luta é. A ganância do poder e do dinheiro está cada vez mais fina e as pessoas têm de ter consciência, discutir e, sobretudo, trabalhar em conjunto. Sozinhos não vamos a lado nenhum.

[Consulta a revista completa aqui](#)